Diretor: PROF. CLOVIS DE OLIVEIRA

Redatora: PROFA. ONDINA F. B. DE OLIVEIRA

R. D.ª Elisa, 50 — Caixa Postal 4848 — S. PAULO

ANO V • SÃO PAULO — JAN. FEV. 1943 • NS. 53-54

Com este numero:
— SUPLEMENTO XII —
Invenções à Duas Vózes
n. 1 — (p. piano)
Claudio Santoro
Especial para "Resenha Musical"
em manuscrito do autor.

Aos Leitores

RESENHA MUSICAL é a revista musical de maior divulgação no Brasil e no exterior.

Registrada de acôrdo com a lei e no D.I.P.

Assinatura anual	Cr. $ 20,00
Idem semestral	Cr. $ 12,00
N.º avulso c/ suplemento	Cr. $ 3,50
Suplemento avulso ...	Cr. $ 3,00

Fundada em Setembro de 1938.

RESENHA MUSICAL não publicará notícias de concertos, audições ou de festivais artísticos, quando não receber dos promotores ou interessados, convite ou comunicado, dirigido diretamente à Redação ou por intermédio de seus correspondentes.

RESENHA MUSICAL não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nas crônicas assinadas.

Colaboração nacional e estrangeira, escolhida e solicitada.

RESENHA MUSICAL não devolve originais. Suplemento Musical, especial.

RESENHA MUSICAL não fornecerá gratuitamente aos assinantes, números atrazados, extraviados ou anteriores à data da assinatura.

Correspondentes em quasi todas as cidades do Brasil. Aceitamos representantes em qualquer cidade do país ou estrangeiro.

ANUNCIOS:
FONES 5-4630 e 5-5971
Redação: Rua Dona Elisa, 50
Caixa Postal 4848

Cristo e a Música

Valdemar de ALMEIDA
— NATAL —

Música poder moralizador, fôrça educacional, laço que une um espírito e a virtude, agente animador da bravura, do entusiasmo, da piedade e da fé, transformadora inconteste de costumes, veículo que conduz ao maior de todos os bens — o amor, reveladora insofismável do grande poder supremo, elemento criador de beleza, refúgio acariciador dos que sofrem, dos que lutam, vertical infinita unidora do céu e da terra, não és, nem poderias ser, um produto espontaneo da humanidade.

O homem primitivo, segundo o instinto, atribuia a outro sêr, todos os fenômenos que lhe feriam a imaginação. No estado psicológico de homem que, não sendo contido nem pela experiência nem pelos hábitos lógicos do espírito, se reportava apenas ao testemunho dos sentidos e afirmava imediatamente o resultado, fosse qual fosse.

Na sua luta nos campos, ou nas florestas, muitas vezes sentindo um perfume desconhecido emanado de um ou outro arbusto, ouvindo o sussurro melodioso das fôlhas das palmeiras, cria imediatamente ser êsse odor ou êsse som, um espírito superior, um grande poder invisível e, não tardava em transformá-lo num Deus e em erigir-lhe um templo.

Daí a galeria infindável de divindades às quais é atribuida a invenção da música!

Mas, ela é a sublime obra de Um só! É um dos melhores presentes que Deus fez à terra para torná-la menos pérfida e menos má.

Do domínio da magia a que ficou entregue por muitos séculos, passou a ser o objeto de constantes estudos por parte de quasi todos os filósofos da antiguidade que, notando-lhe o poder de comover profundamente o homem, de transformar-lhe os costumes e os hábitos, procuraram regulamentá-la e instituí-la como complemento ativo de ação governamental, chegando mesmo até a constituição de ua música de Estado.

Do resultado de suas observações constataram que, se a música tinha uma tão forte influência sôbre os espíritos de que tanto falava a magia, natural seria que ela agisse com bem manor vantagem sôbre os homens, produzindo-lhes necessariamente certos estados d'alma, certa variedade de sentimentos, se tornasse, enfim, o instrumento, por excelência, da educação!

Platão escreveu que "a música nos insinua na alma, por meio dos sons, a forma da virtude", que a nossa vida tem necessidade de euritmia e ainda que, se a música é um meio de moralização e ao Estado compete zelar e manter a boa moral, ela devia ser regulamentada por leis.

Aristóteles não se cansava de externar-se sôbre a Arte sonora. Para êle, a harmonia e o ritmo, têm muitas afinidades com a alma. Proclamava o poder moral da música como capaz de modificar os sentimentos humanos.

Sofocles, ainda muito moço, dirigindo um

côro composto de jovens de sua idade, cantou celebrando a vitória de Salamina.

Pitágoras, ocupando-se da música, deu aos antigos as primeiras noções de acústica e facilitou a construção da escala que tem o seu nome.

A Arte, foi portanto, objeto de estudo e da atenção por parte dos grandes filósofos dos tempos antigos e Cristo, em sendo o maior dentre todos êles, necessariamente a ela dispensou também parte de sua atividade no pouco tempo em que esteve no mundo terreno.

O seu incomparável poema é a maior sinfonia que jamais foi dado à terra conhecer.

Não deixou nenhuma palavra escrita, mas, o timbre de sua voz, o ritmo de suas palavras e a cadência de suas afirmativas, ressoam eternamente pelo espaço, num crescendo absoluto de majestade e de beleza!

Nos momentos mais íntimos, Cristo cantava os poemas religiosos de Israel. Os Salmos saíam-lhes dos lábios transformados em melodias litúrgicas de incomparável artisticidade.

O evangelho de Jesús, para os que têm a suprema ventura de ouvir, é uma partitura sublime onde êle canta, louva e enaltece o poder divino do maior de todos os mestres — DEUS!

Intérprete único da obra do grande Criador, veiu a seu mandado, reger a grandiosa orquestra do Universo e, com a sua habilidade messianica, manteve por milhares de anos e manterá para todo o sempre em nosso corações, em nossas almas, nos nossos pensamentos, o éco cada vez mais claro, mais nítido, mais sonante, de seus acordes harmoniosamente celestiais.

Uma das provas mais eloquentes de que o Nazareno era um perfeito conhecedor dos segredos musicais, temo-la na manhã em que êle se dirigiu às margens do Genesareth, cercado de grande multidão ávida por conhecer os seus ensinamentos. Desejoso de ser ouvido por todos, não encontrando um lugar apropriado onde o vento não dispersasse as suas palavras, conduziu o povo às praias do lago, agrupando-o nas sinuosidades do litoral, nas encostas das colinas e dos rochedos. Subindo a uma embarcação, certificou-se de ter conseguido um ótimo corpo de ressonancia, começando então a pregar, certo de assim não perder, aquela gente, uma sílaba sequer de cada uma de suas palavras.

Muito duvidamos da originalidade de uma das mais lindas frases de Camões no seu **Lusiadas**. Conciente ou inconcientemente, êle não fez mais do que repetir uma exortação do divino Galileu aos seus discípulos: "Cantando espalhareis por tôda parte, se a tanto vos ajudarem obediência e fé".

CRISTO, sublime enviado do Altíssimo, compreendeu melhor do que todos os filósofos, que o canto exprime alegria de crença, é um dos melhores meios de proclamar e publicar a glória de Deus, dá aos fiéis a harmonia de um só pensamento, facilita-lhes compreender mais rapidamente os textos sagrados, é um caminho suave e seguro para a contrição, e ensinou aos apóstolos a sua prática, aconselhando-lhes a não cantarem unicamente com a voz. Cantar empregando só a voz é para o agrado exclusivo dos homens. Anteviu, portanto, o lado pernicioso da Arte.

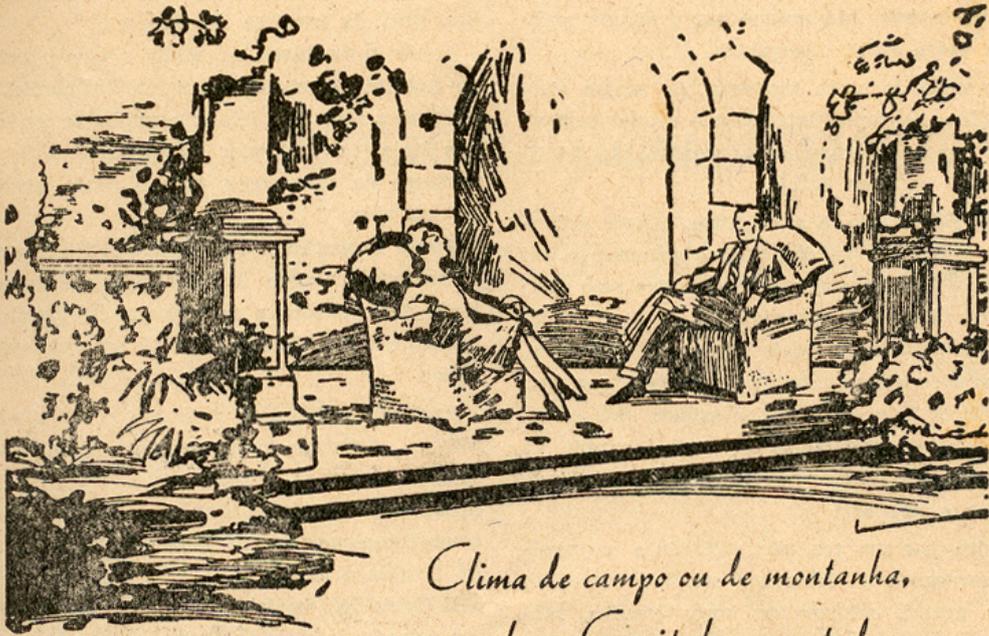
Quem quer que cante em louvor de Deus, não deve deixar a voz sair da laringe sem antes a ter feito passar pelo cérebro e pelo coração!

Na última ceia, já certo da traição de Judas, cantou o derradeiro hino em companhia dos doze discípulos e seguiu serenamente para o Monte das Oliveiras.

Depois... o sacrifício foi consumado. A morte, a ressurreição e, em seguida, a ascensão.

Os onze apóstolos voltaram para Jerusalém a-fim-de cumprir as ordens do mestre. "Ide, pois, e fazei discípulos meus todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-lhes a observar tudo o que eu vos tenho mandado".

O primeiro cuidado foi o de eleger um novo companheiro para o lugar de Judas e a escolha recaíu em Matias. Novamente doze, iniciaram a pregação do Evangelho e, em pouco tempo, conseguiram vários milhares de conversões à nova religião.

A luta começara. Os antagonistas de CRISTO

Clima de campo ou de montanha,
em plena Capital e com todo o
conforto das grandes cidades, só no
Jardim – América
ou no
Pacaembú
– as duas maravilhas de urbanismo
da metrópole paulista.
Inscrições Ns. 8, 11 e 14, nas 2a, 4a e 5a Circ.

os caluniavam deshumanamente, procurando a todo o custo impedir a onda gigantesca de fé que crescia, crescia sempre. Os judeus convertidos continuavam ainda muito apegados às leis de Moisés. Até mesmo entre alguns apóstolos havia certa divergência.

No meio de tanta incerteza, de tantas atribulações, de tanta luta, pouco tempo restava para que se ocupassem da coordenação da liturgia e da nova Igreja.

Mas São Paulo, a alma forte, o mais ardente devoto da nova doutrina, o primeiro a ser atingido pelo ódio dos incrédulos que nele viam o mais denodado sustentáculo, a mais enérgica disposição, a mais poderosa influência, escrevia corajosamente de sua prisão aos seus prosélitos: "Ocupai-vos dos salmos, dos hinos, dos canticos espirituais e cantai, cantai ao Senhor estes salmos e estes canticos do fundo de vossos corações!"

Pedro, por sua vez, não obstante a perseguição santanica de Nero aos cristãos, conseguiu fazer grande número de novos crentes, reunindo-os em lugares secretos e ensinando-hes a rogar e a cantar os salmos à moda oriental, aprendida na sua juventude, ao tempo em que acompanhava Cristo-Rei feito homem.

Barnabé, filho da inspiração, teria estabelecido a ordem da missa em Milão, regularizando a música que devia pomposear os atos religiosos.

Não fizeram, assim, mais do que cumprir o que lhes ordenou o divino Messias, e a semente da Arte, trazida para a umidada sombria das catacumbas, fez brotar, num delírio de exuberancia, numa força brilhante de energia, num crescendo sempre **presto agitado,** numa dinamica harmônica celestial, deliciosamente sonora, divinamente ritmada, a religião cristã — sinfonia magistral escrita por Deus e executada soberbamente pelos católicos concientes, sob a regência empolgante, eternamente divina, do maior de todos os artistas — CRISTO-REI!

Sua religião é a geradora de todos os sentimentos nobres no homem, fonte inesgotável de motivos que permitiu ao homem descobrir na pedra bruta o elemento principal para dar vida à sua imaginação. E o Evangelho foi todo paciente e magistralmente talhado nos pórticos das mais célebres igrejas, como testemunho vivo da tragédia do Gólgota.

Fonte inesgotável de motivos que permitiu ao homem descobrir o elemento primordial de uma nova arte, e as telas maravilhosas contam-nos hoje, no esplendor do seu silêncio e na apoteose de suas côres, tôda a santa história de sua vida.

Fonte inesgotável de motivos que fez com que o homem sonhasse nessa arquitetura inigualável das grandes e majestosas catedrais, irradiadoras insofismáveis da fé nos seus princípios.

Fonte inesgotável de motivos que levou o homem a registrar tôdas as suas palavras em sons e criar para a sua maior glória o número infinito de Oratórios, Cantatas, Motetos, tidos como complementos admiráveis de pomposidade da liturgia cristã.

E Cristo-Rei, artista onipotente, não poderia ter deixado de unir a Música, a Pintura, a Literatura, a Arquitetura, tôdas as artes, enfim, ao seu drama litúrgico para, elevando cada vez mais a alma humana da terra para o céu, fazer o milagre de arrebatar os corações demasiadamente apegados às coisas terrenas e revelar-lhes a grandeza infinita dos mistérios divinos.

Do "Jornal do Comércio" — Recife — 12-7-42.

● Que Giuseppe Verdi, o célebre músico italiano, durante a sua vida, compôs nada menos do que 27 óperas.

● O diretor de Orquestra britanico, "sir" Thomas Beecham, solicitou o divorcio de sua esposa, de nacionalidade norte-americana, alegando que, "após 33 anos de incompreensão, lhe parece melhor romper de uma vez um vinculo incomodo para ambos".

Uma contribuição para a Pedagogia Músical

Para a "Resenha Musical"

Samuel Arcanjo dos SANTOS

(Conclusão do n.º anterior)

IDADE DOS ALUNOS E SUAS CONDIÇÕES CULTURAIS

Partindo da convicção de que o aprendizado musical deva caminhar paralelamente com a cultura geral dos estudantes, opinamos que se inicie a educação musical de crianças de 5 ou 6 anos. Tal ensino porém deverá ser ministrado por um processo racional, isto é, de acôrdo com a idade; não convirá, de forma alguma, iniciar-se o aprendizado musical infantil com a prática instrumental. Uma didática racional dará sempre maiores vantagens ao preparo musical das crianças. Daí o estabelecer-se o aprendizado pre-primário musical com um ensino globalizado que abranja ginástica ritmica, atividades ludicas aplicadas, declamação, cantos e dansas em conjunto e contos infantis — tudo enfim aplicado à música. E concomitantemente ao ensino dos jardins de infancia, sob uma atuação lógica do mestre, preparar-se-á uma cultura geral e artística da mocidade de amanhã. O preparo musical, iniciado ao lado dos cursos pre-primários com crianças de 5 ou 6 anos e proseguindo aos 7 anos com o início dos cursos primários, gradativamente irá atingindo uma base valorosa quando na escolha da especialidade artística que o discípulo almejar.

HORÁRIO DE LECIONAMENTO E DE ESTUDOS

A divisão equitativa do tempo representa na didática musical matéria de grande relêvo, podendo mesmo considerar-se um dos possantes fatores do sucesso a se alcançar. A organização de um horário será tanto mais eficiente quanto mais se aproxime dum critério que anteveja o máximo proveito com menor fadiga do aluno e tambem do professor. Distinguimos duas espécies de horário; o que estabelece as horas empregadas no lecionamento (aulas) e a medida do tempo empregado no preparo das lições, seja na prática vocal ou instrumental, como no provimento cultural dos discípulos. São elementos importantes a considerar-se na elaboração de um horário de ensino, a idade, o grau progressivo do aprendizado e a disciplína e lecionar.

HORÁRIO DE LECIONAMENTO

Para crianças de 5 ou 6 anos, cuja atenção sobre o mesmo assunto é instavel, serão convenientes lições mais frequentes e menos demoradas; aos cursos pre-primários (cursos infantis) por exemplo, aplicariamos, em dias alternados, o ensino globalizado da matéria acima aludida (ginástica ritmica, atividades ludicas aplicadas, canto, etc.) espaçado em frações de 15 minutos sendo os diversos elementos desse aprendizado seriados sob um critério altamente pedagógico a vista de sua capital importancia na formação básica do ensino. E, dilatando-se paulatinamente com o grau de idade e o aprendizado atingido, passará o tempo de lecionamento a duas lições semanais de 20 minutos a cada aluno no curso primário instrumental sendo ele aumentado gradualmente para meia hora até três quartos de hora e passando, mais tarde a uma hora semanal prolongar-se-á a quinzenal para terminar em lições mensais e ficar completamente a cargo dos estudantes que hajam conquistado uma personalidade artística independente. A elaboração do horário para o lecionamento do Canto, Instrumentos de sôpro e de cordas, está sujeita a condições particulares. O Canto depende das exigências relativas à higiene da voz, nos instrumentos de sôpro teremos que atender à resistência física do aluno e à afinação do instrumento; para os instrumentos de corda teremos que considerar o tempo a dispender com a afinação e preparo do instrumento. No ensino coletivo das disciplinas de provimento cultural, as aulas serão bi-semanais de 50 minutos, com a matéria a lecionar previamente subdividida por todo o ano letivo.

Está claro que, em se tratando de ensino pre-primário, será ele realizado sob a tutela e observação direta de professores especializados; e com um número maximo de 20 alunos em cada classe. No curso primário já pode o aluno iniciar a prática instrumental jornaleira de meia hora, o quanto possivel, está claro, sob os cuidados de um professor indicado pelo seu perceptor. Haverá então um progressivo aumento de uma hora que se extenderá até cinco horas para os cursos de especialização, sendo admissivel mesmo 6 horas, no máximo, aos alunos dos cursos de virtuosidade; o que for alem de 6 horas será exagêro e sucetivel de prejudicar a saude. Todo o trabalho diário será dosado cuidadosamente de maneira a nunca provocar fadiga, que é a inimiga do bom humor, da alegria de viver, tão propicia aos artistas. Damos a seguir vários tipos de horários de estudo.

½ hora — Estudo prático variado.

1 hora — ½ hora de técnica e ½ de estudo prático variado.

2 horas — ½ hora de técnica e 1 hora e ½ de estudo prático variado.

3 hroas — 1 hora de técnica e 2 horas de estudo prático variado.

4 horas — 1 hora de técnica e 3 de estudo prático variado.

5 horas — 1 hora de técnica e 4 de estudo prático variado.

6 horas — 1½ horas de técnica e 4½ horas de estudo prático variado.

Os exercicios de pura técnica iniciados com meia hora no segundo periodo de estudo prático serão aumentados na medida do grau progressivo atingido pelo discipulo. Temos notado que uma boa parte dos alunos fracasados artisticamente pertencem à falange daqueles cuja didática baseou-se inteiramente em acrobacias técnicas. Seja sempre a atuacão dum professor tornar o seu discípulo ambidexto para interpretar fielmente as obras dos grandes mestres; nunca um acrobata. Concordamos que os tipos do horário apresentado não convirão absolutamente ao cantor ou ao estudo prático dos instrumentos de sôpro, pela resistência física posta em jôgo de forma muito diversa; ao bom didata cumpre fazer uma judiciosa adatação.

PROGRAMA DE ENSINO E DE AUDIÇÕES

Para estabelecer-se "a priori" o desenvolvimento da atuação, quer do ensino, quer das audições de alunos, elaboram-se programas aditando em linhas gerais essas atividades. Consoante a atividade em jôgo teremos programas de ensino e de audições. Os primeiros são lemas que estatuem a distribuição da disciplina pelo currículo letivo. Os segundos teem a finalidade de introduzir os discípulos na vida social estimulando-os e premiando os seus esforços. Com referência aos programas que regem o ensino prático, vocal ou instrumental, notaremos uma dfierença se os compararmos com os que regem as aulas de cultura. Para o ensino prático é suficiente a citação dos autores didáticos e suas obras, o quanto possivel, sob ordem cronológica do seu aparecimento, dando-se ao mestre a conveniente liberdade de escolhe-las conforme o feitio do aluno, evitando-se portanto uma padronização ríjida. Os programas do ensino cultural seguem o grau progressivo da matéria a lecionar de acôrdo com uma possivel assimilação inteletual. Ao organizarmos programas de audições teremos em vista a sua finalidade, fazendo-se sentir um contraste atraente no seguimento das peças que os compõem. Essas manifestações artístico-escolares variam entre aquelas cuja finalidade visa encaminhar os alunos libertando-os do pavor do público e tornando-os sociaveis, até as que apresentam recitais de solistas já amadurecidos. Convirá iniciar-se com audições escolares íntimas, isto é, de pequeno, publico apresentando-se mesmo todos os alunos. São sumamente uteis as audições ilustradas por locutores ou oradores em comemorações cívicas, artísticas ou ainda em concertos históricos. Tambem aquí a dosagem irá crescendo paulatinamente. Todas essas manifestações artísticas não deverão exceder de duas horas com um pequeno intervalo para repouso. Não quero deixar sem lembrança as apresentações orfeônicas e corais pelo seu carater disciplinador e fortemente pedagógico. Pode-se afirmar convitamente que a posse de um orfeão disciplinado numa escola é o indice claro de escola completa. Os programas de ensino por sua vez devem ser confecionados de modo a tornarem-se exequiveis; para tanto se deverá tomar como medida o tempo correspondente ao ano letivo. Ter-se-á o critério feliz de nunca impor a quantidade sobre a qualidade; a vida humana é insuficiente para expotarmos o estudo de qualquer matéria cultural ou prática. Com referência aos cursos culturais teria ainda a dizer que pode um bom didata trabalhar eficientemente com qualquer livro, devendo mesmo suprir-lhe as falhas; é no entanto amplamente reconhecido e muito conveniente ao bom andamento do ensino a citação de bons livros em programas de ensino.

AULAS INDIVIDUAIS E COLETIVAS

O ensino musical pode ser ministrado individualmente ou coletivamente, quer seja transmitido sob aspeto prático, oral ou escrito. Ministra-se individualmente o ensino prático do canto ou qualquer ensino instrumental. Transmite-se coletivamente o ensino pre-primário, o canto orfeônico ou coral, a música de conjunto, a teoria elementar e seus acessórios (solfejo e ditado), a teoria superior (harmonia, contraponto e fuga), a composição, instrumentação e orquestração, a história da arte e da música, as ciências, a análise e pedagogia aplicadas e de mais matérias cujo ensino seja transmissivel sob aspeto oral ou escrito. É prejudicial ao ensino a aglomeração excessiva de alunos em classe. No ensino musical o número de alunos em classe coletiva varia de acôrdo com a matériaa lecionar. Para o aprendizado da teoria elementar, solfejo e ditado, admitem-se 30 alunos em classe iniciais e para os 2.o e 3.o ciclos, um máximo de 40 alunos, afim de possibilitar ao professor o trabalho do solfejo a 2, 3 e 4 vozes; nas classes de harmonia o número máximo ao bom proveito dos alunos será de 25 alunos; o contraponto e fuga; composição, instrumentação e orquestraçao, 4 alunos; nos demais cursos culturais acima citados poderá o mestre trabalhar

proficientemente com um máximo de 30 ou 40 alunos (30 ainda melhor).

DISCIPLINA, INTERESSE E PLANOS DE AULA

A boa ordem, a disciplina, a atitude do professor em classe e o interesse a despertar entre os seus discípulos pela matéria em lecionamento são fatores decisivos que merecem especial atenção e abrangem tanto a didática individual como a coletiva. O interesse pela matéria lecionada e a disciplina dependem sobremaneira da atitude dum professor em classe. Ele deve entrar em classe com o seu plano de aula preparado e não vascilar perante os seus alunos. Por sua vez uma classe indisciplinada dará sempre um péssimo resultado. Em classes coletivas os discípulos são observados e guiados em conjunto; daí nasce a idéia de padronizar o ensino coletivo de acôrdo com o programa. Essa padronização não deve no entanto ser rigida ou autoritária. Para se obter maior rendimento no ensino, vem a inevitavel subdivisão dos alunos de uma classe em categorias proporcionando ao mestre ocasião de levar os discípulos e alcançarem a totalidade do programa estabelecido. Resultarão então os chamados planos de aula, isto é, os subpogramas. Eles são organizados de acôrdo com o tempo e a força inteletiva da classe, dividindo-se equitativamente o programa pelo tempo de aula de modo que a maioria da classe possa participar do aprendizado, logrando-se maior número de promoções a um grau imediato. Será preciso, no que se refere ao interesse do aluno, que a sua sucetibilidade não seja ferida. Ao julgar pois os alunos não deverá um professor por em choque a habilidade de um aluno contra o seu colega ferindo-lhe o brio. A dignidade deve ser ressalvada numa forma inteligente e carinhosa. Um meio termo nesses casos será sempre vantajoso, usando-se uma certa deplomacia. E nunca se deverá deixar de dar ocasião a que os alunos sejam estimulados. Se qualquer estudante é sensivel ao trato de um mestre o estudante de arte é duplamente sensivel; é mesmo sensitivo.

CONTROLE — SABATINAS, EXAMES E TÉSTES

A eficiência de qualquer trabalho é provada pelo controle. Para o controle da atuação, tanto dos discípulos como dos mestres, surgiram as sabatinas, os exames e os testes. Ainda que seja mais comum o emprego de sabatinas em cursos culturais, não exitaremos em aconselha-las como aferição do ensino prático, facultando aos professores um meio de manter a classe em contínuo interesse pelo trabalho em execução, trazendo a vantagem de preparar os alunos para os exames; faça-se um reepílogo mensal do material prático.

Os exames musicais são realizados sob vários aspetos: orais, escritos e práticos. As provas orais podem ser efetuadas sob dois processos: o processo de arguição e o expositivo; o primeiro convem às classes primárias e médias, o segundo às classes de ensino superior em que os discípulos já possuem maior segurança na matéria. Para um bom resultado dos exames orais, manda a boa ética pedagógica que se adote uma linguagem apropriada à inquirição prpecisa dos examinandos; métodos confuzos de arguição levam bons discípulos a péssimos exames, sendo em certos casos uma das causas do desanimo e desinteresse pelo aprendizado. Ao provarem-se os discípulos de ensino prático, sugeriamos que se evitasse o sistema de interromper bruscamente o executor ou cantor; convem dar-lhes suficiente oportunidade para o retempero dos nervos, quasi sempre, convulsionados com a presença solene de uma comissão examinadora. Será justo estabelecer-se um ambiente de simpatia, familiarizando os examinandos com o examinador e evitando-se qualquer constragimento do qual possam derivar inhibições prejudiciais à saude dos discípulos.

O teste é um processo moderno de julgamento. Julga-se de acôrdo com as reações manifestadas pelo examinando. Ha testes psi-

cológicos e testes pedagógicos. Os primeiros servem para aferir o grau de inteligência do examinando, os segundos são provas do grau de assimilação cultural ou habilidade prática no aprendizado vocal ou instrumental. Sobre este assunto, muito interessante mesmo, mandariamos os novos professores consultar obras que dizem respeito ao seu emprego na didática geral aplicando tais processos ao ensino musical.

CENTROS DE INTERESSE E DE CULTURA

Para que uma determinada coisa possa interessar, devemos rodea-la de atrativos; aí está pois a finalidade das sociedades e departamentos de cultura artística, os prêmios de animação, as bolsas de estudos, as bibliotecas, os museus, as discotecas, as conferências, os seminários, os cursos extensivos de aperfeiçoamento, as visitas às indústrias ligadas à vida musical, a leitura de revistas, jornais e bons catálogos, tudo enfim que diga respeito ou possa entusiasmar o estudante de música suscitando-lhes propósitos felizes.

Ainda mesmo que se nos afigure em primeiro juizo que tudo isso deva estar dentro das obrigações do Estado, salta aos olhos de qualquer mortal que aos professores pertence o fomento ou pelo menos a adesão a esses fócos de interesse artístico; eles podem perfeitamente alimentar direta ou indiretamente os seus discípulos e familias de suas relações pelo processo indutivo afim de que a cultura da sociedade em que vivem se extenda e intensifique convenientemente. Será louvabilíssimo e nobre fazerem dos seus discípulos o seu prolongamento, e deste modo adata-los ao mundo novo que virá após o seu desaparecimento; não ha dúvida alguma que seremos levados como folhas secas, ficando como nossos sucessores os nossos discípulos... e acrescentemos mais ainda, um preceptor que não aconselha os seus discípulos à frequência de quaesquer das citadas manifestações artísticas está se aniquilando, visto que atinge à sua própria razão de existir o bom e grande incremento dado à sua profissão.

EVOLUÇÃO DUM MUSICISTA

Ao fim de tantos esforços conjugados para se conseguir a realização de um ideal tão nobre, um propósito se fará sentir, afim de manter-se em efervescente entusiasmo o fogo sagrado da arte abraçada. Daí ouvir o bom senso que manda não perder-se o hábito de estudar robustecendo cada vez mais a técnica adquirida e ampliando sempre a própria cultura geral e artística. Damos a seguir uns conselhos que julgamos uteis à evolução dum pianista, deixando aos professores adata-los às demais atividades artísticas

A técnica é robustecida pelo cultivo constante da sonoridade empregando-se para tal todos os exercicios mecanicos possiveis a ação tatil (das mãos e dos pés) as articulações e movimentos dinamiscos diversos. Divida-se em duas partes os citados exercicios: gerais os que convem a todos, especiais os que convem a uma determinada dificuldade ou fim colimado. A técnica dum compositor residirá num cultivo constante do contraponto que é o melhor elemento para a sua elasticidade inteletual.

Para a interpretação ocorre tudo que possa contribuir direta ou indiretamente a formar o senso estético dum musicista. Concorrem diretamente para esse fim, a execução e análise de peças de todo o gênero — decór e numa insistência diária e contemplativa deixando-se abandonar em divagações mentais, depois dum plano pre-estabelecido emanado duma análise das peças em execução e do estudo psicológico do autor e de sua época na história da arte. Concorrem indiretamente para tal a audição de concertos, a leitura refletida de bons livros, e bons discos, os comentários e querelas com artistas de valor. Nos exercicios contemplativos não deverá o musicista atirar perdidamente em campo aberto a própria sensibilidade, pois que seria habituar-se a perder o dominio de si próprio. Enveredar-se-á mesmo pelo caminho dos estudos de composição afim de ampliar a sua musicalidade.

O repertório deverá ser constantemente ampliado. Aquí deverá ocorrer tudo que um musicista tem a estrita obrigação de conhecer colhendo dentro da literatura do seu instrumento o que mais se adate ao próprio temperamento; fazer um estudo introspetivo do próprio temperamento afim de tirar de si o melhor partido possivel em favor da arte que professa.

Sempre que a oportunidade se lhe ofereça deverá tocar as peças do seu repertório. Assim poderá poupar algum tempo, porem, como medida de prudência é bom ter uma hora determinada para esse mister sendo que nesse tempo poderá burilar os seus trabalhos, de conformidade com o próprio desenvolvimento estético.

Esse material todo será dividido pelo tempo que o artista dispuser; lembrariamos que a escolha das horas para conseguir-se o fim almejado é um fator duma indiscutivel vantagem ao proveito do esforço conjugado. Assim é então que as horas que melhor humor proporcionar ao indivíduo em questão, serão aquelas que éle as empregará como vantajosas sas à finalidade colimada. Sendo o fim principal dum pianista direi mesmo o unico fim fazer viver através do próprio temperamento as peças que executa, deverá então ele ocupar no trabalho de interpretação, as melhores e mais bem humoradas horas de sua vida: para uns serão as horas da manhã, para outros as da noite.

Arte e Alma

na Obra de um Pintor de Animais

Genésio Pereira Filho
(Transcrito de "Ilustração)

✠

A vida simples de Alberto Apfel — O narcisismo humano fê-lo abandonar os retratos de pessôas — O louvôr da crítica — Um grande amigo dos animais

Talvez pouca gente saiba que, na rua Tapiratiba n. 81, na V. América reside um grande artista.

Alma simples, sem ambições, leva uma vida calma, toda dedicada ao seu mistér. Não quero insinuar seja êle cético. Mas prefere viver assim.

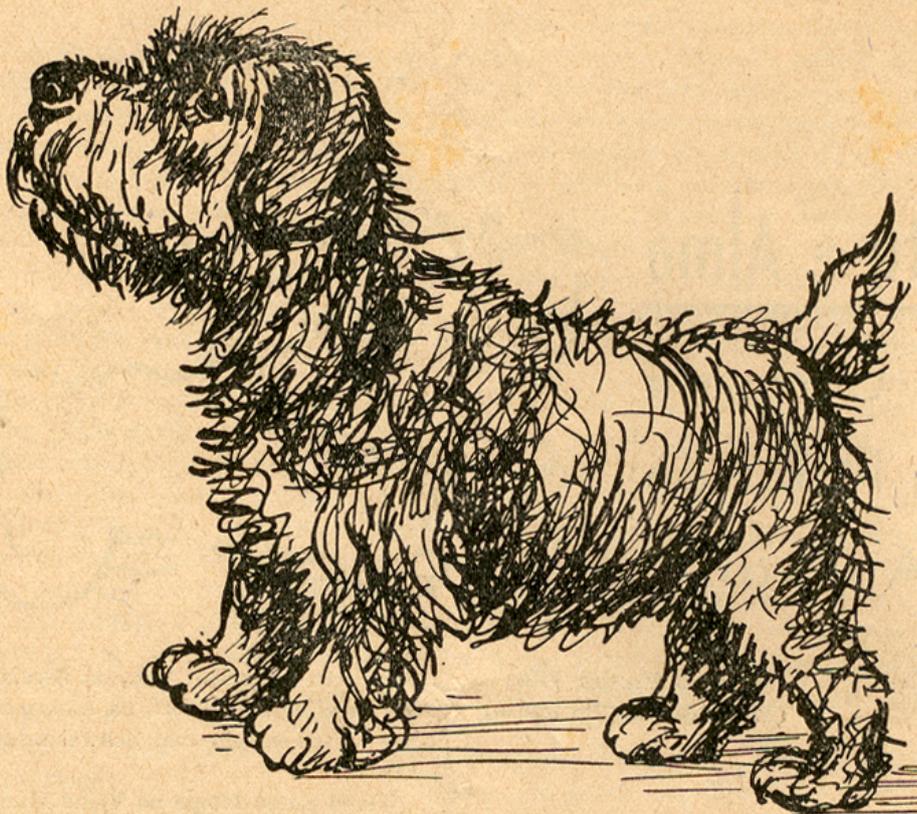
Dotado pela natureza de prodigioso senso artístico, especializou-se em pintar animais. Não que haja nêle qualquer negação para a pintura de retratos humanos — (e êle realizou muitos e lindos). Perguntando sôbre a causa de tal abstenção, responde num sorriso irônico e dando de ombros: — "Os retratados nunca acham que tenham ficado bonitos **como são..."**

Alberto Apfel iniciou-se, ainda muito jovem, com Fritz von Will, da Escola de Belas Artes de Dusseldorf, na Alemanha. Aprimorou seu estudo com Schwartzenfeld e de Crenst.

Viveu muito tempo no Velho Mundo, onde ficou largamente conhecido. Várias télas das que enfeitam sua residência são dêsse tempo. Entre elas há belas paisagens, ora cheias de luz e ora cinzentas.

Sua residência, simples, é uma exposição permanente de trabalhos. As paredes estão repletas de quadros, sejam as da sala de visitas, sejam as da de jantar ou as dos corredores; tudo salta à vista encantada, numa variedade enorme de compridos "bassets", de terra-novas, de elegantes galgos, de "bulldogs" reconchudos, de mimosos lulús... Paisagens européias ou brasileiras, tipos nossos de Santo Amaro, etc.

* * *

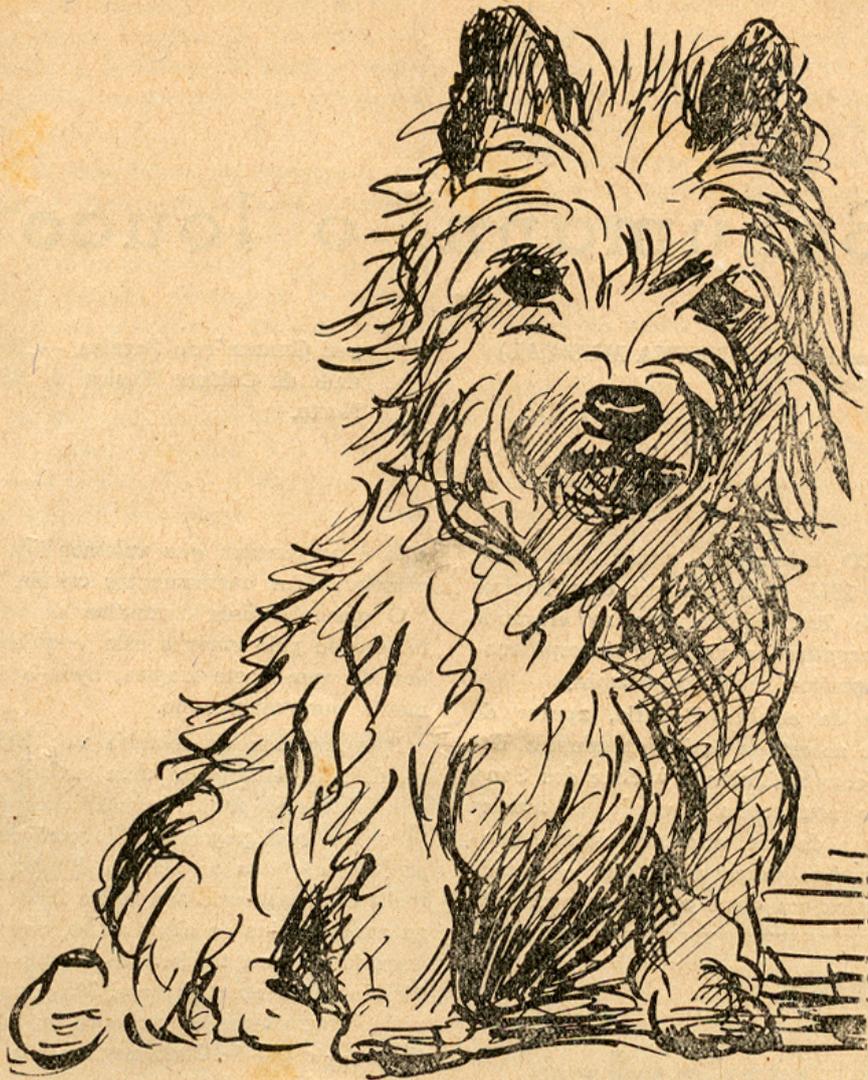
Há em Alberto Apfel duas grandes qualidades, que são como que o complexo do seu labôr: arte e alma. Apfel não é sómente o artista que, diante de um animal, o retrata a pincel. Existe nêle um profundo psicólogo, que sabe sentir vivamente o instinto animal. Seus retratados parecem possuir alma,

como que vivem na imagem que o pintor dêles traça.

Os críticos reconheceram, fartamente, essas virtudes de Apfel. E elas ressaltam, imediatamente, à vista de quem vê, ante seus olhos, uma obra dêle. E daí resulta um outro fato: não é preciso ser entendido em pintura, para gostar do que Alberto realiza. Qualquer leigo deixa escapar sua admiração por tão fiel retratista.

Apfel alcançou seu "climax", nesse ponto, nas pinturas de gato. Como têm vida os felinos, como parecem reais! Retratista minúcioso, cada traço do animal vivo é encontrado na téla, cada pormenor não é esquecido. Ninguem deixa de admirar um gato retratado por Apfel.

* * *

Alberto Apfel é o pintor dos animais das familias mais distintas de S. Paulo e do Rio. Em um album se encontram testemunhos dessas pessôas, que não escondem sua dmiração pelo pintor animalista.

As palavras de Amadeu Amaral Júnior, de Otto Bittencourt Sobrinho, da "Folha da Noite", de S. Paulo, Ernesto Antonio Matera, do sr. Herbert Moses, do sr. Osvaldo

Souza e Silva, da "A Noite Ilustrada", de Osvaldo Orico, e de inumeras outras pessôas, nada deixam a desejar, em relação ao que de fato é a arte de Apfel.

* * *

Alberto Apfel, numa tarde deste Janeiro que nasceu luminoso para nossa capital costumeiramente penumbrosa, em companhia de uma filha, recebeu-nos em sua casa.

Delicado, de atenção extrema, recepcionou-nos como velhos amigos. Ele mesmo faz um delicioso café e, com singeleza, confessa que muitas vezes, na ausência da esposa, é quem prepara o almoço e o jantar...

Na sala de visita mostra-nos uma infinidade de quadros, que êle possue em albuns. Nessa sala e na de jantar, nos corredores, em toda parte uma quantidade enorme de trabalhos, gritando o labôr fecundo do artista.

Indo daquí para alí, sempre seguido de dois "bassets" e de um cãosinho preto e felpudo — (Apfel é um grande amigo dos animais) — mostra-nos toda sua inúmera galería artística.

Schumann, o louco

(Especial para RESENHA MUSICAL)

por Gumercindo Saraiva — Da Sociedade de Cultura Musical do Rio G. do Norte.

ROBERTO Schumann, nasceu em Saxe, no ano de 1815, epoca em que os primeiros impetos do Romantismo iam se elevando afim de encontrar-se com o genio espirituoso do compositor Frederico Chopin.

O autor da celebre Reverie, apezar de ser forçado ao estudo de Jurisprudencia, dedicava-se com assiduidade à Arte dos Sons, que era o seu sonho dourado. A musica para ele era de um valor tão extraordinario que muitas vezes dizia que o mundo sem a musica era como o homem sem religião e perguntava que valemos nós sem os principios dos ensinamentos cristãs.

O episodio mais dramatico de sua vida, foi creado pelo amor e este, o unico causador de sua morte tragica, após o internamento num manicomio.

Pela segunda ou terceira vez, Schumann se deixara levar por uma ardente paixão que Beethoven tanto detestava. Porém, desta vez, o mal pegou e o jovem compositor se dirigia à casa do pianista Wieck, afim de pedir em casamento sua unica filha: — Clara, uma menina de olhos azues, que aos seis anos já cantava trechos de operas e tocava violino como uma **virtuose.** Mas, uma cousa viéra interromper o romance do dois artistas: — o pai de Clara nega a mão daquele ente querido.

Apezar das bôas relações que Schumann mantinha com o prof. Wieck, este, ainda relembra os antecedentes da familia do futuro genro, dos quais já haviam morrido diversos membros atingidos pelas faculdades mentais. Esta era a principal objeção do pai de Clara: a hereditariedade da familia!

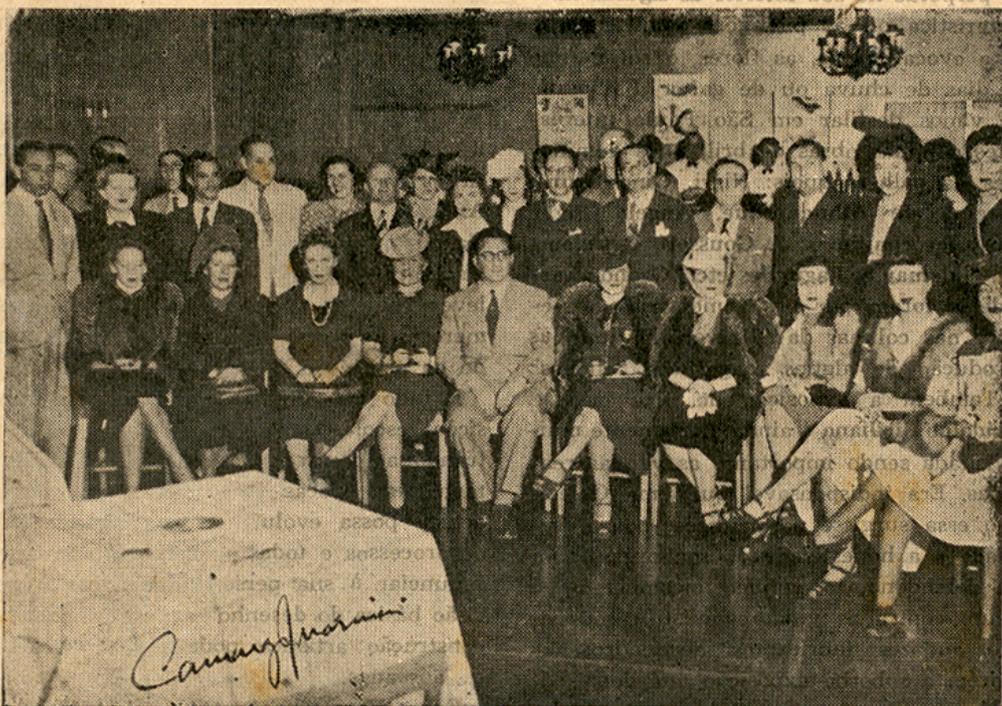
Schumann, coitado, arrebatado pelos afagos de sua enamorada, persiste no proposito de ver o seu triunfo conjugal após alguns meses, os jornais estampavam o registro de casamento do Dr. Roberto Schumann com a maior pianista da Europa Miss Clara Wieck.

Assim viveram as duas celebridades musi-

cais percorrendo as grandes cidades do mundo, numa tornée artistica. Os principais teatros tiveram a felicidade de ouvir e aplaudir um grande compositor e uma talentosa pianista.

No ano de 1850, Schumann começou a sentir o seu cerebro anormal e os primeiros sintomas de locura reflete-se fortemente no coração de sua esposa que o ama com uma sinceridade incrivel. Passam-se os anos e com eles o seu sofrimento. Os seus amigos aconselham repouso, mas Schumann já esgotado do seu padecimento, no dia 27 de Fevereiro de 1854, pela manhã sai de sua residencia, a passos alongados, à procura do abismo — o suicidio — e n'uma ponte proxima, se atira de uma altura regular, caindo ao solo sem sentidos. Desde esse dia, não mais viu a sua querida Clara, com a qual mantivéra correspondencia como dois principiantes namorados. A dor aumenta, a neurastenia se apodera, dai, levando-o ao tumulo ainda na flor da idade, quando a sua musica estava sendo compreendida. E, a pobre Clara, coberta de luto, acompanha junto aquela multidão os restos mortais do seu infortunado esposo, ao cemiterio, em cujo recinto dormem eternamente outros tantos genios da musica.

* * *

Schumann, além de grande musico, foi o creador da Literatura Musical, fundando na Europa a primeira revista da pentagrama, afim-de distribuir com o povo a capacidade ilustrada de sua inteligência, a qual era dirigida, redatoriada, e gerenciada pela sua entusiastica pessôa. Foi um ardoroso critico musical, conheceu de perto Mendelsohn, estudou com Weber, foi esposo da maior pianista do mundo — Clara Wieck e morreu louco!

Flagrante do "cocktail" de despedida oferecido pelos artistas de S. Paulo ao compositor Camargo Guarnieri, que hoje alcança sucésso nos Estados Unidos.

RESENHA PITÓRICA

CARLOS PRINA
da Academia de Letras de S. Paulo

Alem da grandiosa exposição restrospectiva do saudoso **Lucilio de Albuquerque** oportunamente organizada pela Prefeitura, houve ultimamente em S. Paulo uma sequência de exposições verdadeiramente encorajadora pois o sucesso não apenas artístico como tambem financeiro da maioria delas, testemunha que tambem as familias paulistas começam por convencer-se que uma casa por bonita que seja, não será nunca considerada perfeita sem uma pequena coleção de quadros que perpetue no seu interior as figuras mais carateristica ou as paisagens mais sugestivas a evocar a luz, as flores, o sol mesmo nos dias de chuva ou de garoa. Foi assim que vimos desfilar em São Paulo interessantes e lindas obras de brilhantes dominadores da palheta quais: **Nigri, Gino Bruno, Georgina de Albuquerque, Angelo Biggi, exposições conjuntas, J. Gousseff, I. Colombari, Guiomar S. Fagundes** etc... Grande parte dêlas foram por nós comentadas brevemente nas colunas da "Universal" junto às reprodução de alguns magnificos "cliches" — Tambem a exposição de arte do Dr. **Heiridaldo Siciliano** é ainda diariamente muito visitada sendo importante as vendas realizadas. Era indispensavel que uma Galeria como essa surgisse na paulicéa, pois a seriedade e a honestidade do seu organizador está defendendo o público incompetente e incauto contra as vulgares mistificações de certos audazes "fabricantes" de quadros...

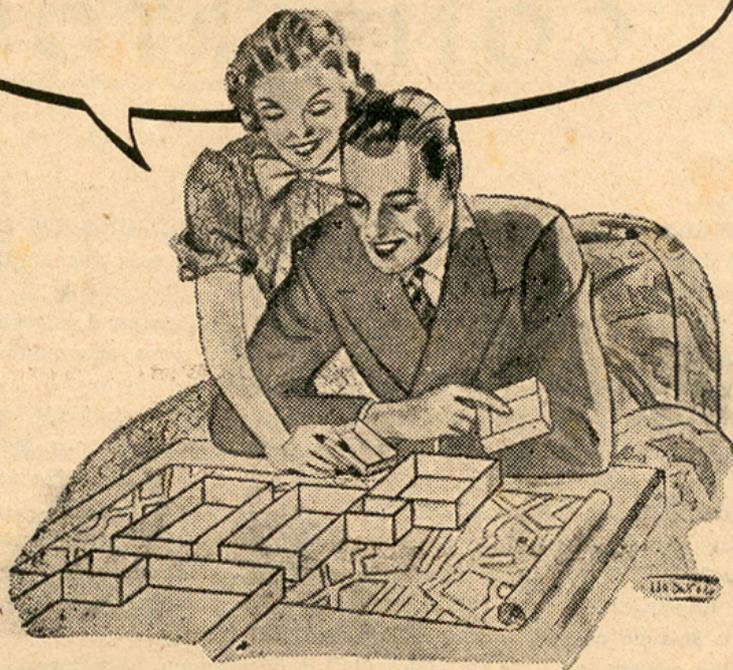
Porém a soberba exposição que depois de tantos anos de silencio o ilustre artista Bernardino de Souza Pereira realizou recentemente sob os auspícios de uma amistosa comissão oportunamente incitadora, veiu a deslumbrar os nossos olhos avidos de beleza com uma triunfante serie re quadros riadíssimos de estilo e de tecnica comparavel a uma verdadeira sinfonia em que o "primeiro movimento" representado pelos múltiplos temas da figura humana cedesse lugar ao "andante maestoso" dos panoramas bucolicos entre aventuras de sombra e de sol, para deliciarmos, depois, com um "minueto" delicado e sugestivo em que as flores mais lindas revoavam em redor do nosso olhar lembrando-nos o movimento e a graça das flores animadas que Walter Disney nos ofertou atraves da musica de Tchaikewsky. Porém eis que no cíclico final, o grande Bernardino deixa descansar o seu policrómico e radioso pincel para empunhar firmemente o carvão e o lapis de Miguel Angel e esculpir (desenhando) uma sequência clássica de temas que se alternam numa empolgante "fuga" de claros e escuros e de leves "nuances" em que se enobrecem numerosas fisionomias conhecidíssimas no mundo da arte e da "elite" — (1).

E tudo isso sem preconceitos nem imposições escolásticas ou modernísticas, demostrando, ao contrario e mediante quadros pintados em épocas bem diferentes, como o artista possa evoluir e experimentar todos os processos e todas as tecnicas sem nunca renunciar à sua personalidade nem à precisão básica do desenho sem o qual nenhuma construção artística pode resistir à critica e... aos anos.

Bravo Bernardino!

---

(1) Entre elas a caraterística de Bernardino representada por dois auto-retratos

Um sonho...
...FACIL DE SER REALIZADO!

CONCERTOS

CONCERTO SINFONICO DO DEP. MUN. DE CULTURA EM 29-12-42 — As atividades artistico-culturais do Departamento, este ano,foram encerradas com uma agradavel surpresa.

Será preciso dizer, não acreditávamos muito, no possivel sucesso de uma menina com apenas 14 anos de idade, que se apresentava para acompanhar a orquestra do Departamento.

De fáto, enfrentar um publico numeroso, a responsabilidade frente a orquestra, tudo isso poderia ter atuado no animo da menina-artista e tirar-lhe o brilho da execussão, aquele justo equilibrio, que por exemplo no andante deixa transparecer a alma bondosa e meiga de Mozart.

Nelly Hirsch, ao executar o Concerto em mi b.M., de Mozart, estamos certos, conquistou definitivamente toda São Paulo artistica, agradando pela desenvoltura frente ao tecládo, musicalidade e principalmente pela maneira do fraseado sempre correto.

Seus dois extras foram igualmente muito apreciados.

Com a apresentação da "9.ª Sinfonia" de Beethoven, registraram-se inumeras falhas na orquestra e nos elementos do Coral.

A Souza Lima não faltou habilidade para conduzir o agrupamento de vozes, dando-lhes muito brilho.

A. Melo Godoi

MADALENA TAGLIAFERRO — Quasi ao findar o 1942, que foi tão fecundo para as Nações aliadas, teve o povo de São Paulo, mais uma vês a satisfação de ouvir Madalena Tagliaferro, a brilhante pianista, desta feita, para o Departamento de Cultura, prestando concurso à Orquestra Sinfonica, sob a regencia do ilustre maestro Armando Belardi.

A ilustre solista, executou o Concerto n.º 1, em dó maior, de Beethoven, Crepusculo Sertanejo, Farinelo e a Fantazia Hungara, de Liszt. Madalena Tagliaferro, é uma pianista que a cada concerto, digamos a cada exibição, apresenta-se diferentemente como pianista e o principal, como artista. Neste concerto esteve possuída de muita homogeneidade tanto espiritual, como técnica. Aliadas essas qualidades produziram momentos da mais alta musicalidade, apresentando-nos as conhecidas óbras de Beethoven e Liszt, de modo primoroso como raras vezes nos é dado ouvir. Merece louvores a orquestra sob a regencia do maestro Belardi, que cooperou de modo brilhante, colhendo, por sua vez, o seu quinhão de aplausos.

508.º SARÁU DA CULTURA ARTISTICA — Quando se fala em Alfredo de Musset, logo vem a nossa mente a figura curiosa de George Sand, a figura do docil

Chopin... Alfredo de Musset, George Sand, Chopin... Trindade romantica, cheia da poesia, da música, da felicidade falsa de um romantismo doentío. E quem não se deleita ao ler ou ouvir Alfred de Musset, George Sand ou Chopin?

A "Sociedade de Cultura Artistica", satisfazendo o desejo de inumeros de seus associados, promoveu um importante saráu, apresentando "Sonho Romantico" — "La Nuit D'Aout" e "A Quoi Rêvent les Jeunes Filles", de Alfred de Musset.

A primeira com música de Debussy, teve a cooperação de Souza Lima na regencia, a Orquestra do Sindicato dos Musicos, bailados pelas alunas de Chinita Ulmann, Mise-en-cene-vestimentas direção de Alfredo Mesquita, servindo de ponto Antonio Candido de Mello e Souza. Essas citações todas foram transcritas, porque merecem destaque. Toda a organização foi efetuada por Alfredo Mesquita, esse jovem e consagrado escritor e teatrologo.

O que foram as representações das peças de Alfred Musset, diz-nos bem o sucésso que alcançaram, pelos aplausos que não foram poupados por um numeroso publico que lotou o Municipal.

Merece destaque ainda, a conferencia pronunciada por Alfredo Mesquita que estudou de modo substancioso, a vida e a óbra do grande poeta frances Alfredo de Musset.

509.º SARÁU DA CULTURA ARTISTICA — A Sociedade de Cultura Artistica, realizou um grande espetáculo de Bailados comemorativo ao 30.º aniversário, com o concurso do celebre bailarino Alexandre Iolas e do Corpo de Baile do Teatro Municipal sob a direção de Vaslav Veltchek, e Orquestra do Sindicato dos Músicos de São Paulo, sob a regencia do maestro Souza Lima.

Do programa: "A infanta de Castela", libreto de Alfredo Mesquita, musica de Ravel, cenarios e vestimentas de Clovis Graciano, e coreografia de Vaslav Veltchek; "A Valsa", fantasia coreografica de V. Veltchek, musica de Ravel, e vestimentas de Marilia Franco.

Poucas vezes nos é dado assistir uma exhibição mesmo em companhias profissionais, que consiga alcançar esse elevado nivel de homogeneidade artistica com que foi apresentado esse conjunto sob o patrocinio da Sociedade de Cultura Artistica.

Todo esse conjunto teve as vistas técnicas de Alfredo Mesquita, de Veltchek, de Souza Lima, de Iolas, de Clovis Graciano. Óra, um conjunto assim trabalhado, ensaiado, estudado, preparado, tem forçosamente que alcançar o sucésso que este alcançou. Agradou grandemente a arte de Alexandre Iolas, um bailarino classico, cuja elasticidade fisica é num sentido artistico, o dom harmonico de seus gestos, de seus passos, de seus pensamentos, até.

Os cenários de Clovis Graciano foram admiravelmente bem concebidos, dando um realce as figuras que integravam os bailados, dentre elas a de Marilia Franco que, hoje, está conquistando um desenvolvimento técnico que muito contribuirá para o futuro de sua carreira. Suas ultimas apresentações confirmam esta nossa opinião.

Enfim o saráu comemorativo do 3.º aniversário da Cultura Artistica, foi ótimo e reuniu um publico seleto que soube apreciar os vários numeros da mais fina arte e interpretação elevada.

WANDA WERMINSKA — Pela primeira vez tivémos ocasião de ouvir Wanda Werminska, festejada cantora natural da Polonia, que se apresentou acompanhada ao piano pelo ilustre pianista Fritz Jank.

Programa excessivamente longo, não resta dúvida, porém uma grande artista que soube durante o mesmo, exhibir suas preciosíssimas qualidades vocais e a sua técnica.

Cantou em vários idiomas e, em todos, demonstrou possuir uma dicção certa para a arte vocal. Em todos os numeros sua musicalidade foi exhuberante, a qual aliou muita graça e fina interpretação.

Aplaudidíssima pela assistencia viu-se obrigada a bisar e a conceder numeros extras.

HOMENAGEM ÁS NAÇÕES UNIDAS — A vóz musical das Nações Unidas, fez-se ouvir a 12 de Janeiro no Municipal, por intermédio da Orquestra do Departamento Municipal de Cultura, sob a regencia do maestro Mehlich.

A vóz unisona da Europa flagelada, da esperançosa America unída. De além mar, a Holanda, Inglaterra, Noruega, Russia, Polonia, Tchecoslováquia, e deste continente Brasil e Estados Unidos. Todas representadas pelos seus expoentes da arte musical.

O maestro Mehlich, com a sua costumás habilidade de regente, elevou a execução orquestral a uma perfeição admiravel. Foi uma noite feliz para a orquestra, porque ela toda, apresentou-se com firmeza e com musicalidade.

Houve um solista, o pianista Hans Bruch, o qual além de apreciada técnica, nada mais apresenta que possamos considera-lo um pianista de envergadura. Desincumbiu-se com muita capacidade, dando ao concerto, uma nota variegavel.

O maestro Mehlich recebeu muitos aplausos da grande assistencia.

DEPARTAMENTO DE CULTURA — Promovido pelo Departamento Municipal de Cultura, realizou-se ainda em Janeiro, o concerto da apreciada pianista Aurora Bruzon, que muito agradou pela sensibilidade extrema de seu **toucher**, e pela interpretação acurada dada às suas execuções.

Fez-se ouvir, tambem com grande agrado o Quarteto Haydn, que executou com sua peculiar maestria, o Quarteto em sol maior, de Mozart.

RICARDO ODNOPOSOFF NA CULTURA — O reaparecimento de Ricardo Odnoposoff, ao publico da Sociedade Cultura Artistica, constituiu autentico sucésso para a brilhante carreira do jovem e consagrado violinista argentino e para vida social da Cultura, pois que a 12 do corrente, grande era a assistencia que ocorreu a ouvir o excelente artista muito estimado e admirado nesta Capital.

A constituição do programa obedeceu a um criterio de homogeneidade artistica. A peça, primeira, a Sonata-fantasia, de Paulo Florence, caracterisa-se pela largueza musical, frases curtas, requerendo muita acuiridade da execução. A parte de piano, devido ao excésso de oitavas, em certos trechos, prejudica, encobrindo a sonoridade do violino. E estava ao piano esse admiravel acompanhador que é Fritz Jank, que possue dentre suas ótimas qualidades de pianista, um táto pianistico, sutil e fino. Agora, se outro fosse o pianista, dessa noite, teria sido lastimavel a execução da bem inspirada composição de Paulo Florence.

Tivemos, a seguir, Debussy, 3a. Sonata; Chanson, Poème; E. Ysaye, Sonata op. 27, a 4 (p. violino só); e, a notavel obra de Cesar Franck, Sonata em lá maior. O que foi a execução desta ultima peça nos limitamos a dizer que foi majestosa, de absoluta unidade, onde ambos artistas Ricardo Odnoposoff e Fritz Janke, confirmaram seus dotes de notaveis artistas, cujas qualidades, aliadas a proficuo trabalho técnico, são o melhor elogio desses consagrados virtuoses.

Inumeros extras, encerraram o inesquecivel concerto.

VARIAS

Guiomar Novaes Pinto

GUIOMAR NOVAES PINTO — A individualidade artistica de Guiomar Novaes Pinto é grande demais para caber na estreiteza de uma cronica. Festejada como delirio em todas as plateias do mundo, endeusada pela critica, seu nome entrou já a brilhar deslumbradamente com realce soberbo de gloria no seio dessa constelação excepcional de genios femininos.

Nunca porem, é demais render culto às organizações privilegiadas. A assombrosa artista fez vibrar todo o nosso teclado organico no desdobramento de seu talento excepcional, que ainda agora perguntamos a nós mesmos se no mundo artistico contemporaneo, dentre as pianistas femininas, há quem trancenda as dificuldades dessa grande linha, que é a transição de musica com a alma e com o coração; pelo menos em certas musicas, Guiomar é inecedivel e muito hipoteticamente igualavel.

Os estrondosos aplausos com que o publico a tem acolhido muito palidamente exprimem, em relação a imensidade de sua arte, a onda facinadora de emoção em que ela o envolve, despojando sobre ele os raios intensissimos de sua enorme superioridade. E dominados por esse poderoso influxo que nos assoberbou, ao ouvir os ultimos acordes de seu concerto, foi que consolidamos em nosso juizo a verdade, por todos os titulos de gloriosa de que Guiomar atingiu os pincaros mais elevados de sua fulgu-

rante carreira; porque ultrapassar sua atual forma ela não ultrapassará, pois jamais se ultrapassa a perfeição.

A "Chaconne" de Haendel, tão preciosamente incluida no programa, obteve as galas de uma interpretação pura e nobre, compativel com a linhagem classica do autor. Schumann, ora infantil ora romantico, mas sempre soberbo, foi colorido e iluminado com os encantos imaginados por ele no "Papillons". Assim foi Guiomar na primeira parte do seu recital.

Depois veio Chopin...

A musica de Chopin dispensa na interpretação as medidas do estilo, mas é preciso que apresente qualidade e sentimento, clareza e precisão, vivacidade e movimento em grau assaz elevado. Sendo assim, reclama do interprete a consciencia do ideal artistico, para suscitar no coração de seu semelhante, emoções e impressões, especialmente o sentimento do belo.

A sonata op. 58, fulgindo nos dedos de Guiomar, e consagrada à fins mais altos do que acolher fulgurações tecnicas, evidenciou o apreço da artista pela musica de Chopin. Em todo o desenvolvimento da sonta, todas as notas tocadas pela recitalista, fosse sob ritmo "lento", fosse sob ritmo "presto", faziam surgir a maravilha e o encanto, o brilho e a contilação. Quem ouvindo por exemplo o "Scherzo" não dirá que Guiomar traz nos dedos magnetismo sobre as teclas e que delas arranca sons sem as tocar tal à delicadeza impressionante com que lhe envolve o sentido? E o "largo"? Seduziu encantadoramente com a riqueza do seu colorido, com a transcendencia emocionante de sua forma. Por fim, a imagem da eloquencia renaceu no "Presto" final, quando então o vigor da artista, confundindo-se com um arrebatamento exarcebado, exaltou a musica com o significado da grandeza e da belesa, ultrapassando a tudo quanto se podia imaginar nesse sentido.

Nunca Chopin foi tão dignificado, nunca Chopin foi tão feliz!...

Afinal, tanto foram as mananciais de emoção, de beleza e arte que Guiomar Novaes Pinto nos proporcionou que lhes perdemos a conta e os nomes.

O seu concerto de ontem foi um triunfo, isto é, foi mais do que um triunfo porque foi uma nova gloria, uma nova consagração. E por tudo que ouvimos, e por tudo que observamos, só nos resta conjeturar: quem conseguiu como Guiomar, culminar com tanta supremacia a maravilha que é a arte podemos dizer que possue o que raras criaturas possuem: o dom divino.

Critica, do 2o. recital de Guiomar Novais, realizado em São Paulo a 20-12-1942 feita por Dom Basilio (Henio Araujo) e lido ao microfone da Rádio Difusora de S. Paulo.

RETIFICAÇÃO — No artigo "Musica Grega", publicado no n.º anterior, sairam alguns erros, que pedimos retificar:

Onde está:

Estrabão, confirmando estas opiniões, escreve. — Leia-se:
Estrabão, antecipando estas opiniões, escrevia,

AUDIÇÃO DE ALUNOS — Promovido pela professora dona Maria Pagano Botana, realizou-se com grande brilhantismo uma exceiente audição de piano a cargo de seus alunos, no salão de festas do Hotel Esplanada. Por ocasião foram distribuidos aos mais distintos alunos, diversos e valiosos premios e medalhas de ouro.

PINGUIM 1/4

da ANTARCTICA

SEGUROS DE VIDA